

HISTÓRIA DO FRIGORÍFICO RIO GRANDE: PELOTAS-RS (1919 – 1924)

**JEFERSON DUTRA SALABERRY¹; ESTER JUDITE BENDJOUYA
GUTIERREZ²**

¹*Mestrando em Arquitetura e Urbanismo-UFPel - jeferson.sallaberry@gmail.com*

²*Prof. Dra. do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo-UFPel - esterjbgutierrez@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O tema do referido trabalho é a arquitetura fabril do início do século XX. O trabalho se justifica por estar relacionada à emergência da preservação do patrimônio agroindustrial dos remanescentes da antiga edificação do frigorífico Rio Grande, este também conhecido como frigorífico Anglo.

O conjunto de edificações industriais foi sendo progressivamente abandonado e, na atualidade, sendo reaproveitado, muitas vezes com intervenções aquém de seus valores.

Em Pelotas, no Rio Grande do Sul, parte da antiga estrutura das manufaturas do charque foi aproveitada para a instalação de uma zona fabril, onde a agroindústria se sobressaiu. Construída com maior intensidade no início do século XX, começou a ser abandonada um pouco mais de meio século após. O estudo das edificações fabris se justifica por se constituírem parte importante da história. Esta narração poderá ajudar no reconhecimento deste legado.

A criação de gado, introduzida pelos jesuítas, confunde-se com a própria história do estado do Rio Grande do Sul. No início da ocupação, o gado xucro e missioneiro existente era caçado para a comercialização do couro. No começo do século XVIII, com a descoberta das minas no centro da colônia, os animais passaram a ser capturados para abastecer a região da mineração e, ao final do século XVIII, este rebanho veio a formar o plantel das primeiras estâncias. Para a historiadora Sandra Pesavento, o gado deixou de ser visto apenas como fonte de couro ou para ser enviado vivo para o centro do país, passou ser explorado na produção do charque. Este produto, que representava uma grande acumulação de capital, constituía uma rentabilidade oscilante, também registrava um menor valor que os exportáveis de outras regiões do país, como o café e o açúcar. (PESAVENTO, 1980a)

No período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, as condições de extrema competitividade por mercados e os reduzidos lucros implicaram na necessidade de renovação tecnológica. A charqueada é exemplo significativo da necessidade de transformação; operava como uma manufatura, produzindo gênero de baixa qualidade e mau aspecto, com precária tecnologia, para um mercado altamente competitivo.

A eclosão da guerra proporcionou um período de euforia para a pecuária e a agricultura. A necessidade de abastecimento dos países beligerantes, no que diz respeito à população civil e às tropas, elevou extraordinariamente os preços dos gêneros de consumo, entre os quais os alimentos industrializados, carne frigorificada, conservas etc.

Foi uma época de boas perspectivas de mercado, criadas pela guerra, e de um grande impulso ao aproveitamento industrial para os produtos da região. Esse desenvolvimento serviu para mascarar as dificuldades, o setor agropecuário, que vinha de uma lenta decadência desde as últimas décadas do século XIX, se conservou durante o século XX.

No pós-guerra, a recessão econômica, a rearticulação da economia europeia e o recuo da demanda mundial fizeram com que a produção rio-grandense sofresse. Com o retraimento do consumo europeu, o Rio Grande do Sul viveu momentos de crise, da mesma forma entrou em crise o Frigorífico Rio Grande. (PESAVENTO, 1980b)

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa valeu-se do método comparativo da história. Buscou as semelhanças e as diferenças que apresentaram as diferentes referências documentais. Por isto, adquiriu cunho monográfico. (BLOCH apud CARDOSO, 1983)

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Frigorífico Rio Grande tem esta denominação pois deveria ter sido instalado na cidade de Rio Grande. Ele não foi instalado na dita cidade por ali já tê-lo feito, em 1917, uma companhia norte-americana, o frigorífico Swift.

Desta forma, um fator determinante para a instalação do Frigorífico Rio Grande em Pelotas foi a ajuda do governador do estado, Borges de Medeiros. Segundo Paradedda (1919), “prestou apoio decidido e eficaz a organização da companhia, que ficou legalmente constituída em 17 de setembro de 1917”. Igualmente, contou com a Intendência Municipal, através de isenção de impostos e doação do terreno (PIMENTEL, 1940, p. 102).

A Companhia Frigorífica Rio Grande também era denominada de "Frigorífico Nacional" e segundo Alfredo Costa (1922) e Carriconde (1922) era chamado de "Frigorífico Pelotense". Este frigorífico era uma reivindicação dos pecuaristas no Rio Grande do Sul. Queriam um frigorífico com capital público.

Em 1915, foi criada lei que isentava de pagamento de impostos as máquinas e equipamentos necessários à instalação de frigoríficos. No mesmo ano, foram elaborados os estatutos e projetos do Frigorífico Nacional. Em 1917 foi feita a incorporação, objetivando a construção do estabelecimento fabril. Fizeram parte a União de Criadores do Rio Grande do Sul, a Associação Comercial de Pelotas e seu principal acionista: o Banco Pelotense. (JANKE, 1999)

Sobre o terreno Fortunato Pimentel (1940) disse:

O Governo do Município faz a "Companhia Frigorífica Rio Grande" a concessão a título gratuito e pelo prazo de 30 anos, contados da data da constituição da dita companhia, do próprio municipal constante do terreno situado nos subúrbios desta cidade, á margem esquerda do rio São Gonçalo, onde foi a xarqueada do Sr. tenente-coronel Alfredo Augusto Braga, com área de duzentos e trinta mil novecentos e desenove metros quadrados em terrenos da "Xarqueadinha", pertencentes ao município e adquiridos da "Companhia de Generos Congelados" com sede no Rio de Janeiro; a oeste com o arroio Pepino. (PIMENTEL, 1940, p.102)

A construção ficou a cargo de Scott e Hume, de Buenos Aires, especialistas nessa classe de obra, tendo sido eles os construtores de vários frigoríficos na Argentina. (PARADEDA, 1921)

A dimensão do investimento e a repercussão do mesmo na economia local podem ser avaliadas pelo dinheiro empregado no empreendimento: enquanto o capital da Charqueada São Gonçalo era, em 1911, 150.000\$000, o investimento no Frigorífico Rio Grande, em 1919, foi da ordem de R\$ 4.000:000\$000.

Em 1919 o empreendimento estava com as obras atrasadas, devido aos desdobramentos do conflito mundial e a uma forte crise nos transportes. Contudo, nota-se grande cota de entusiasmo nas palavras de Paradedda (1919), que, ao descrever o empreendimento, fornece indícios do contraste entre o frigorífico em construção e os outros estabelecimentos de beneficiamento de carnes da época, anteriormente comentados:

O estabelecimento terá ramal férreo, trapiche, oficinas, indispensáveis para os efeitos da construção do frigorífico propriamente dito e para o andamento das atividades produtivas.

O frigorífico em construção terá a capacidade de beneficiar 500 reses diárias e disporá também de câmaras frigoríficas frutas, legumes, laticínios, etc. (PARADEDA, 1919, p.292)

Em 1921 o Frigorífico Rio Grande (Fig. 1) foi inaugurado e posto em funcionamento. Paradedda (1921) descreveu detalhadamente todo o processo de matança, do qual merece destaque o aproveitamento de subprodutos e a presença de câmaras frigoríficas. Dentre todos os avanços, a implementação do sistema de refrigeração revolucionou a produção do setor. A título de curiosidade, a descrição do equipamento de refrigeração por Paradedda (1921):

O sistema de refrigeração por amoníaco é conhecido como “expansão direta” sendo o amoníaco líquido regulado por meio de válvula se expansão. O gás é bombeado por meio de compressores. Comprimido nos condensadores de amoníaco. A capacidade das câmaras é cerca de 3000 toneladas de produtos e a temperatura de refrigeração a menos de 0° Fahrenheit.(...) Há duas máquinas compressoras, sistema Sulzer Hnos, suíças, com força de 360 cavalos cada, uma com uma capacidade total de 400 toneladas de refrigeração. (PARADEDA, 1921, p.292)

Com a descrição de Paradedda a seguir, podemos verificar o complexo industrial do Frigorífico Rio Grande, apesar do sistema de produção efetivamente mais rentável, por tratar-se de uma produção com menor uso de mão de obra e também com melhor aproveitamento da matéria-prima, não teve bom desempenho:

A matança iniciou no dia 25 de maio passado e terminando no dia 10 de julho, tendo se abatido 2949 animais, dos quais 1034 foram empregados em charque e o restante, congelado e exportado para a Inglaterra. As carnes foram conduzidas ao porto de Rio Grande pela chata da companhia. Esta chata está instalada e isolada na mesma forma das câmaras frigoríficas, do estabelecimento com encanamento de amoníaco pelo sistema de “expansão direta”. Tem a capacidade de quase 300 toneladas de carne e tem maquinaria própria.(PARADEDA, 1921, p.293)

Assim, a produtividade do frigorífico em 1921, em comparação com o a produção do Matadouro Rocha, Nobre e Companhia em 1911, e com as charqueadas, da mesma forma, foi insignificante para justificar uma produção industrial. O abate de 2.949 animais no período de dois meses, sendo que o estabelecimento foi planejado para industrializar 4.000 bois por semana, representa uma produtividade insuficiente.

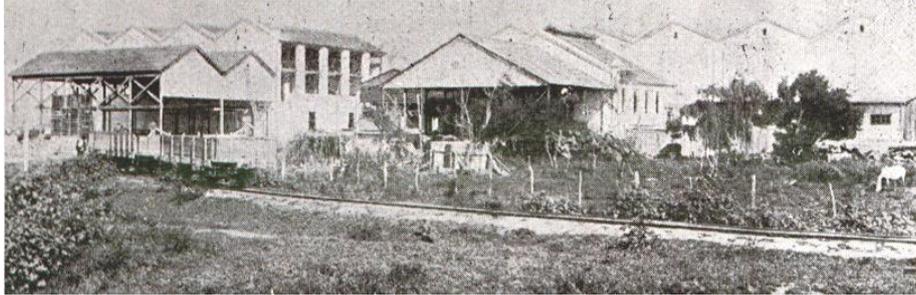


Figura 1: "Frigorífico de Pelotas". Pelotas. RS.

Fonte: COSTA, 1922.

Dessa forma, segundo Janke (1999), a Companhia Frigorífica Rio Grande foi vendida para a Companhia Lancashire General Investment Trust Limited, de propriedade do grupo Vestey Brothers. O estabelecimento passou a se denominar Sociedade Anônima The Rio Grande Meat Company e, em 1924, transformou-se em Anglo S. A.

4. CONCLUSÕES

O trabalho apresenta de forma sistemática a pesquisa nas fontes primárias permitindo desta forma reconstruir os passos iniciais desta importante fábrica para a cidade de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Os métodos da história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**, completo estudo sobre o estado, Porto Alegre: Editora do globo, 1922, Vol. 2.

JANKE, Neusa Regina. Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? – O Frigorífico Anglo em Pelotas -1940-1970. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS. Dissertação de Mestrado em História, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **República velha gaúcha:** charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980a.

PESAVENTO, Sandra Jathay, **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980b.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Pelotas**. Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1940.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1919.